# ODE PINDARICA

A'

FELIZ RESTAURAÇÃO

DO NOSSO PORTUGAL,

QUE

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR

MANOEL PAES DE ARAGÃO TRIGOSO,

DO CONSELHO DO PRINCIPE REGENTE N. S., FIDALGO DA SUA REAL CASA, DESEMBARGADOR DO PAÇO, CONEGO, E ARCEDIAGO NA SÉ DE VISEU, DEPUTADO DO SANTO OFFICIO, LENTE DE PRIMA JUBILADO NA FACULDADE DE CANONES, VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, E GOVERNADOR DA MESMA CIDADE.

O. D. C.


RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES,

*Alumno da Academia, e alistado no Corpo dos Voluntarios Academicos.*


COIMBRA,

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1808.

*Com licença do Governo.*

. . . . *Vidi ego civium*
*Retorta tergo brachia libero,*
*Portasque non clausas, et arva*
*Marte coli populata nostro.*

HORAT. Ode 5. *L.* 3.

# ODE PINDARICA

Á

## FELIZ RESTAURAÇÃO

## DO NOSSO PORTUGAL.

*Estr. 1.*

Vós, que ás margens do Ismeño, ó gentis Musas,
M'inspiraveis, outr'ora, amantes hymnos;
Quando castos Amores
M'engrinaldavão de jocundas flores;
Hoje, fogos Divinos
Me dai ao Estro, que se eleva ardente,
E a Cithara cadente,
Com que o Cisne Tebano,
Levando aos Astros mil Heróes famosos,
Fez immortaes seus nomes gloriosos!

*Antistr. 1.ª*

Eis qual raio brilhante me alumia?
Que celeste furor! Graças a Apollo! . . .
Eu vejo ao Gallo ovante,
Que ha pouco nos pizava triunfante,
Calcado o altivo collo;
Jazem por terra as Aguias sanguinosas,
Que soberbas, vaidosas
Erão d'Europa assombro!
Ouço, por toda a parte, estranha gloria!
O faustissimo nome de Victora.

*Epod. 1.ª*

Igual sorte tiverão
Os rebeldes Gigantes,
Q'insolentes quizerão
A Jove derribar do Throno excelso;
Eis de raios flamantes
Chuveiro pavoroso,
Com impeto estrondoso,
Sotopostas montanhas lança em terra;
Preparo inutil da tentada guerra.

*Estr. 2.*

Qual raivoso Leão da Libia ardente,
Que atrôa as selvas de crueis bramidos
Mil animaes dególa,
Troncos lança por terra, e tudo assola,
Com golpes destemidos;
O cruento Francez Lisia ameaçava,
E a cem póvos roubava,
Mil furias vomitando;
Tu, Côrte de Sertorio, assás o viste,
Tu, Leiria infeliz, bem o sentiste.

*Antistr. 2.*

Mas lá vôão, que o raio mais veloces
Lusitanas, intrepidas fillêiras
A off'recerem-se á morte,
No horrendo jogo do cruel Mavorte;
Brilhão nossas Bandeiras,
Com as Armas, que o claro AFFONSO HENRIQUE
Recebêra em Ourique;
Eis chegão d'outra parte
Famosas Legiões, que da Inglaterra
Vêm soccorrer-nos, na sanhuda guerra.

*Epod. 2.*

Nos montes do Salado,
Cheio d'immortal gloria,
Fero Gil denodado
Agarenos, sem conto, ao Orco envia;
Canta Ibéria a Victoria
Do Portuguez Mavorte;
Mas nos reinos da Morte,
Em quanto dormem os que já brilharão,
Novos Heróes a Lusitania amparão.

*Estr.* 3.

Combatida de horrisonas procellas,
Entre abismos fataes Lisia nutava,
No Solio Soberano,
Assentado o mais barbaro Tyranno,
Seus filhos esmagava;
A agonizante, pallida Lisboa
De estragos se povòa;
E o Téjo amortecido,
Sensivel ao terror de tantas magoas,
Manda a Nepturo luctuosas agoas.

*Antistr.* 3.

De que negra tormenta, ó Lusa Athenas,
Longo tempo não foste ameaçada!
        Cheia de atroz espanto,
Lavaste as faces de amargoso pranto;
        Minerva horrorisada
Largou das mãos o pavoroso Escudo
        A cujo golpe rudo
        As Musas, que o escutarão,
Deixando as Liras, com fatal desdoiro,
Timidas fogem dos assentos d'oiro.

*Epod.* 3.

        Já contrario o Destino
        A' Patria dos Augustos,
        Quando em cerco ferino,
O sanguento Alarico a teve oppressa;
        Luctando, com mil sustos,
        Escrava dos Tyrannos
        Não soffreo iguaes damnos;
Elle ás pobres Matronas perdoava,
E os Templos sacrosantos respeitava.

*Estr.* 4.

Quaes surgem das Eólidas cavernas,
Em negro turbilhão, fluctuosos ventos,
Fazem bramir os Mares,
Crespas montanhas elevando aos ares,
Com impetos violentos;
Os fortes Lusitanos valerósos,
Lá correm furiosos;
Tu, ó Vimeiro, os viste
Calcando mêdos, desprezando p'rigos,
Vingarem-se dos feros inimigos.

*Antistr.* 4.

Vós ó Freires, Silveiras, Bacellares,
Commigo voareis da Fama ao Templo!
E vós Lusos Guerreiros,
Q'entre de ballas horridos chuveiros,
Fostes de gloria exemplo!
Mas, tu, a cujo Nome respeitoso,
Sabio, nobre TRIGOSO,
Ainda os impios tremem,
Nova constellação, entre as Estrellas,
Brilharás, como Sol, no meio d'ellas!

*Epod. 4.*

Nas futuras idades,  
A par d'hum Nuno forte, *  
** De Coutinhos, e Andrades, ***  
Ao Templo arrancareis a foice horrivel?  
Esses raios da Morte,  
Que domando o Oceano,  
Ao braço Lusitano,  
Ceder fizerão barbaras falanges,  
Cá desde o patrio Téjo ao Indio Ganges.

*Estr. 5.*

Oh, quantos fez surgir Heróes famosos  
Já das cinzas da ultima ruina,  
O PRINCIPE adorado!  
Inda que a nossos braços arrancado  
Foi, por sorte ferina,  
Lá onde está saudoso nos attende,  
Lá mesmo nos deffende;  
E qual Tito clemente,  
Em premio da mais fida vassalagem,  
No peito nos deixou a illustre imagem.

* O Grande *Nuno Alvares Pereira.*

** *Francisco Pereira Coutinho*, Capitão General e Governador da Bahia, pelo Senhor *D. João III.*

*** *Fernando Peres de Andrade*, Capitão Mór do Mar de Malaca.

*Antistr. 5.*

Assim Phebo, a pezar da gram distancia,
Reanima em toda a parte a Natureza;
Seus radiosos fulgores
Produzem fructos, desabrochão flores
De quam rara belleza!
Goza, nutre, subsiste o Orbe inteiro
Por seu aureo luzeiro;
Mas de raios avaro,
Se ao Mundo não mandasse o alvo dia,
Em confuso embrião tudo estaria.

*Epod. 5.*

Por tal astro inflammados,
Filhos das Sciencias bellas,
D'immensa furia armados
Os primeiros triunfastes. . . . . Mas ó Clio
Ao Estro eu còlho as vélas ! . . .
Porém se auras Divinas
Me soprarem benignas,
De meus hymnos, na lucida cohorte,
Vossos Nomes irão além da Morte.

# VERSO

*D'Austerlitz o Heróe Portugal vence.*

## SONETO. (*)

FAmoso Portugal, a tua glória
Inda se não murchou, inda presiste;
Em eternos padrões, no Ceo existe,
Dos Heróes Lusos a immortal memoria:

Inda lèmos, nas paginas da Historia,
Os triunfos, que tu, ó India viste! . . .
Ah, se agora ao Francez se não resiste,
Nós não perdemos huma só victoria! . . .

Em apparencia de leaes verdades,
Com que hum PRINCIPE ás vezes se convence,
Se encobrirão crueis atrocidades!

Ah, que fomos vencidos ninguem pense!
A' força de traições, e falsidades,
D'Austerlitz o Heróe Portugal vence.

(*) Feito em Novembro de 1807 na entrada dos *Francezes* neste Reino.

# VERSO

*Dos filhos de Minerva a immortal Fama.*

## SONETO.

MOstrando-nos honrados Lusitanos,
Quando a Patria infeliz hia morrendo,
Logo ás armas corremos, pretendendo
O jugo sacudir d'impios Tyrannos:

Bafejou-nos o Ceo, de gloria ufanos,
Tremeo de nossa furia o Monstro horrendo,
E o Emporio das Musas defendendo
Ficou illezo de ameaçados damnos.

Em vão querem malditos falladores,
O nosso esforço, que a virtude acclama,
Mandar do Lethes aos crueis horrores:

Debalde a Inveja contra nós declama;
Hade sempre zombar dos seus furores,
Dos filhos de Minerva a immortal Fama.

# VERSO

*Surge outra vez, a Patria vencedora.*

## SONETO. (*)

QUiz conquistar *Napoleão* insano
Lisia, que nunca Roma conquistára;
Lisia augusta, que sempre triunfára
De estranho jugo de qualquer Tyranno!

Maquinando a traição, a intriga, o engano,
Em ferros teve nossa Patria cara!
Mas Deos, que nunca Lisia desampara,
A furia abate ao vencedor ufano!

Nascem novos Heróes; lá no Vimeiro,
A Lusitana espada vingadora
Cava á França o sepulchro derradeiro:

Lisia, qual sempre foi, se mostra agora!
Para encher de pavor o Mundo inteiro,
Surge outra vez, a Patria vencedora.

(*) Improvizos recitados, no pateo da Universidade por occazião do festejo celebrado, em acção de Graças pelo restabelecimento do Governo de S. A. R. em 29 de Setembro de 1808.

# VERSO

*Respira, em doce paz, Lisia ditosa.*

## SONETO.

SE o grão Cartaginez, se Anibal forte,
Qual raivoso Leão, outr'ora, em Canas,
Rompeo as feras Legiões Romanas,
Sem medo ao p'rigo, sem pavor á Morte:

Se dando em Roma, furibundo córte
Fez immortaes as Lanças Africanas;
Hoje nossas falanges Lusitanas
Ganhão com mais valor, mais grata sorte:

Lusos, Britões, que os monstros subjugarão,
Em terrivel batalha sanguinosa,
As fementidas Aguias derribarão:

Nada vales, ó Galia monstruosa!
Livre das oppressões, que a agrilhoarão,
Respira, em doce paz, Lisia ditosa.

# VERSO

*Dos brios da Nação, pula a Victoria.*

## SONETO.

GRaças ao Ceo, já vemos arrastadas
Na Lusa terra, as Aguias Galicanas,
Essas vís Legiões outr'ora ufanas,
São desfeitas em pó, aos pés calcadas!

Os Cobardes tremendo, as mãos malvadas
Off'recem ás algemas Lusitanas;
Rugem, por toda a parte, armas Britannas,
Do grande JORGE para nós mandadas:

Graças, graças ao Ceo, huma, e mil vezes!
Ah, nós vencemos, com brilhante gloria,
Negras falanges d'horridos Francezes!

Infames, ignoraes da Lisia a Historia?
Vencem já por costume os Portuguezes,
Dos brios da Nação, pula a Victoria.

# VERSO

*Do Luso imperio perennal Esteio.*

## SONETO.

GEmia em ferros nossa Patria amada!
Furia, que, mais e mais a consumia,
Cavava o negro abismo, em que devia
Ser toda a sua gloria sepultada!

Eis, portugueza mão de ferro armada
Sacode o jugo atroz, em que jazia;
E com inimitavel valentia
Foste, ó soberba França derribada!

Mas como, em tão fatal calamidade,
Podémos pôr irresistivel freio
A' Franceza cruel barbaridade?

Ah, já sei quem venceo, com gloria o creio,
Foi o Patriotismo, a Lealdade
Do Luso imperio perennal Esteio.

*Ao mesmo.*

## SONETO.

QUiz o fero Loyson, esse insolente,
Reduzir Portugal a negro estado;
E apezar do seu braço decepado
Tentou, tentou a empreza infelizmente!

Eis, quatro, ou seis Paizanos, tão sómente,
Lanção fóra, á pedrada, o vil malvado;
E vendo então o fato mal parado
*Marchez*, *marchez*, dizia, o tal valente:

Raivoso range os dentes, ruge, e brama;
Mas de balde, franzindo o rosto feio,
*Que diables Portuguais*! Furioso exclama;

Ora vejão o tonto aonde veio!
Para Guerreiros taes, só basta a fama,
Do Luso imperio, perennal Esteio.

# VERSO

*Surge outra vez, a Patria vencedora.*

## SONETO.

BAsofias, Editaes, mentiras, tretas
Nos trouxerão os nossos Protectores,
Esses de Jena infames vencedores,
Cujos nomes cantarão as Gazetas:

Mas hoje todos loucos, e patetas
Soffrem da escravidão arduos rigores,
Não achão esses vis triunfadores,
Na Lisia augusta, quem lhe engula as petas.

Mas poderão os pobres Portuguezes
Metter a Bonaparte nesta Nóra,
Elles, que o respeitarão tantas vezes?

Ah, sim poderão, ninguem tal ignora!
Só para dar nas ventas aos Francezes
Surge outra vez a Patria vencedora.

## EPIGRAMMA.

Que fizerão dos Francezes
A' bemfeitora Nação?
A essa, que nos cá trouxe
Sua usual protecção?
Nada; tendo-nos servido
Do mui grato favor seu,
Demos-lhe outra protecção,
Em paga, da que nos deu.

## EPIGRAMMA.

Que peste deu nos Francezes,
Que estavão em Portugal?
(Scismo nisto muitas vezes)
Mas dizem ser cousa antiga,
Que sempre em tempo de Guerra,
Aos estranhos, nossa terra
Causa doença mortal.

FIM.